

[corp]CORPOS

revista pós-pornográfica de fotografia



[nesta edição]
chris, the red
[janice martins appel]
aysha diablo
[beatriz nascimento]
diana altino
[rainnery queer core]



Esta revista leva o selo DUOCU,
formado pelos artistas
[this magazine bears the
DUOCU label,
created by the artists]
Bruno Novadvorski &
Chris, The Red
www.duocu.art.br



Direitos e Comprometimento:

As imagens constantes na [pós]CORPOS©
são de autoria do seu criador - Chris, The Red -
e por outros artistas que, gentilmente,
as cederam para serem publicadas com as devidas
permissões de direitos autorais.

A [pós]CORPOS© está comprometida com artistas
e todos os direitos autorais estão reservados.
Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por
escrito do editor-chefe da [pós]CORPOS ou do artista.

Outras imagens - que possam ser utilizadas -
são livres de direitos autorais.
No entanto, se houver uso injusto e/ou direitos
autorais violados, entre em contato.

Rights and Commitment:

The images featured in [pós]CORPOS©
are the work of their creator - Chris, The Red -
and other artists who have kindly
granted permission for them to be published, subject
to the relevant copyright permissions.

[pós]CORPOS© is committed to supporting artists
and all copyright is reserved. No part of this magazine
may be reproduced mechanically or digitally without
prior written authorisation from the editor-in-chief of
[pós]CORPOS or the artist.

Other images - which may be used -
are in the public domain.
However, in the event of unfair use and/or copyright
infringement, please contact us.

São Paulo - SP

editorial

No novo álbum da Anitta, EQUILIBRIVM II, tem uma música chamada Divino Sexual, na qual ela canta "O sensual também é divino e você sempre soube", que já se tornou minha música favorita e, para mim, faz muito sentido começar este editorial trazendo esta canção. Somos ensinados a dividir o divino do profano e que o sexo, a sexualidade, o sensual é pecado, vulgar e um monte de baboseiras que crescemos ouvindo e acabamos tomando como verdades. Faz mais sentido ainda quando nomeio o ensaio principal desta edição de **A Pornografia do Afeto**, pois onde você só vê sexo, eu vejo além, sinto afeto. Sexo é apenas uma camada. Tudo é multi, é diverso e você aí, estancado na superfície. Sai daí. Cave fundo, vá, permita-se, como o Sub540 se permitiu experimentar outras formas de encontro, de prazer, de afeto com o Dom Barbudo. Permita-se como Janice, na coluna Corpas Falantes, por uma busca

[pós]Corpos© é uma publicação bimestral idealizada e criada pelo designer gráfico, artista visual e fotógrafo Chris, The Red, co-fundador do DUOCU em parceria com o artista visual Bruno Novadvorski.

Volume 07, Nº 40, Agosto/2026 (ISSN 2675-7281)

Edição e Redação Chris, The Red **Capa** Chris, The Red (fotografia) **Ensaio Fotográfico Principal:** Chris, The Red **Corpas Falantes:** Janice Martins Appel **Ensaio Pornossexualigráficos:** Aysha Diablo, Beatriz Nascimento & Diana Altino **Gozos Contínuos:** Rainnery QueerCore **Logotipo** The Red Studio by Chris, The Red **Projeto Gráfico e Direção de Arte** The Red Studio by Chris, The Red

da liberdade da expressão artística. Como Aysha, Beatriz e Diana exploram outras possibilidades do feminino, em Ensaios Pornossexualigráficos. Como Rainnery se permite numa busca do cuidado de si e do próximo num grande ato de afeto. Obrigado e o que desejo a você é afeto. Sinta-se afetado. []

On Anitta's new album, EQUILIBRIVM II, there's a track called 'Divino Sexual', in which she sings, 'The sensual is also divine, and you've always known it'. It's already become my favourite track, so it makes perfect sense to me to begin this editorial by featuring this song. From a young age, we are taught to separate the divine from the profane and to view sex, sexuality and sensuality as sinful and vulgar. This is a load of rubbish that we grow up hearing and end up accepting as truth. This becomes even clearer when I mention the main feature of this issue, 'A Pornografia do Afeto' (The Pornography of Affection), because while you see only sex, I see beyond it and feel affection. Sex is just one layer. Everything is multifaceted and diverse, yet you remain stuck on the surface. Get out of there. Go deep, allow yourself – just as Sub540 allowed himself to experience other forms of encounter, pleasure and affection with Dom Barbudo. Allow yourself to seek freedom of artistic expression, like Janice in the 'Corpas Falantes' column. Embrace the exploration of other facets of femininity, as Aysha, Beatriz and Diana do in Ensaios Pornossexualigráficos. Allow yourself to seek self-care and care for others, as Rainnery does in a great act of affection. Thank you, and what I wish for you is affection. Let yourself be affected. []

Chris, The Red
editor-chefe [editor-in-chief]



Nota do editor

Esta é uma publicação de arte e fotografia que contém cenas de nudez, sexo explícito e genitais. Consulte com cuidado caso sinta-se ofendido. Todas as imagens presentes nesta publicação são de autoria do editor/criador Chris, The Red. Assim, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem prévia autorização. Se tiver interesse de participar como modelo nos ensaios fotográficos das próximas edições, entre em contato.

[Editor's note]

[This is an art and photography publication containing scenes of nudity, explicit sex and genitalia. Please view with caution if you may find this offensive. All images in this publication are the work of the editor/creator, Chris, The Red. Therefore, no part of this publication may be reproduced mechanically or digitally without prior authorisation. If you are interested in taking part as a model in the photo shoots for future issues, please contact.]



The Kiss. Chris, The Red (Berlim,Alemanha / Berlin, Germany. 2026)

nesta edição [this edition]

06 Ensaio Principal

A pornografia do afeto

por [by] Chris, The Red

76 Corpas Falantes

Por la libertad de expresión
artística mas alla de Azcona:

o que devemos ser e fazer

quando queremos dizer

por [by] Janice Martins Appel

88 Ensaios Pornossexualigráficos

Cassy e Dora

por [by] Aysha Diablo, Beatriz Nascimento
& Diana Altino

100 Gozos Contínuos

[meu caderno laranja]

Colisão

por [by] Rainnery Queer Core

112 Sobre redução de danos

no chemsex

por [by] Rainnery Queer Core

A pornografia do afeto [the pornography of affection]

fotos por [photos by]
Chris, The Red

com [with]
Dom Barbudo & Sub540





































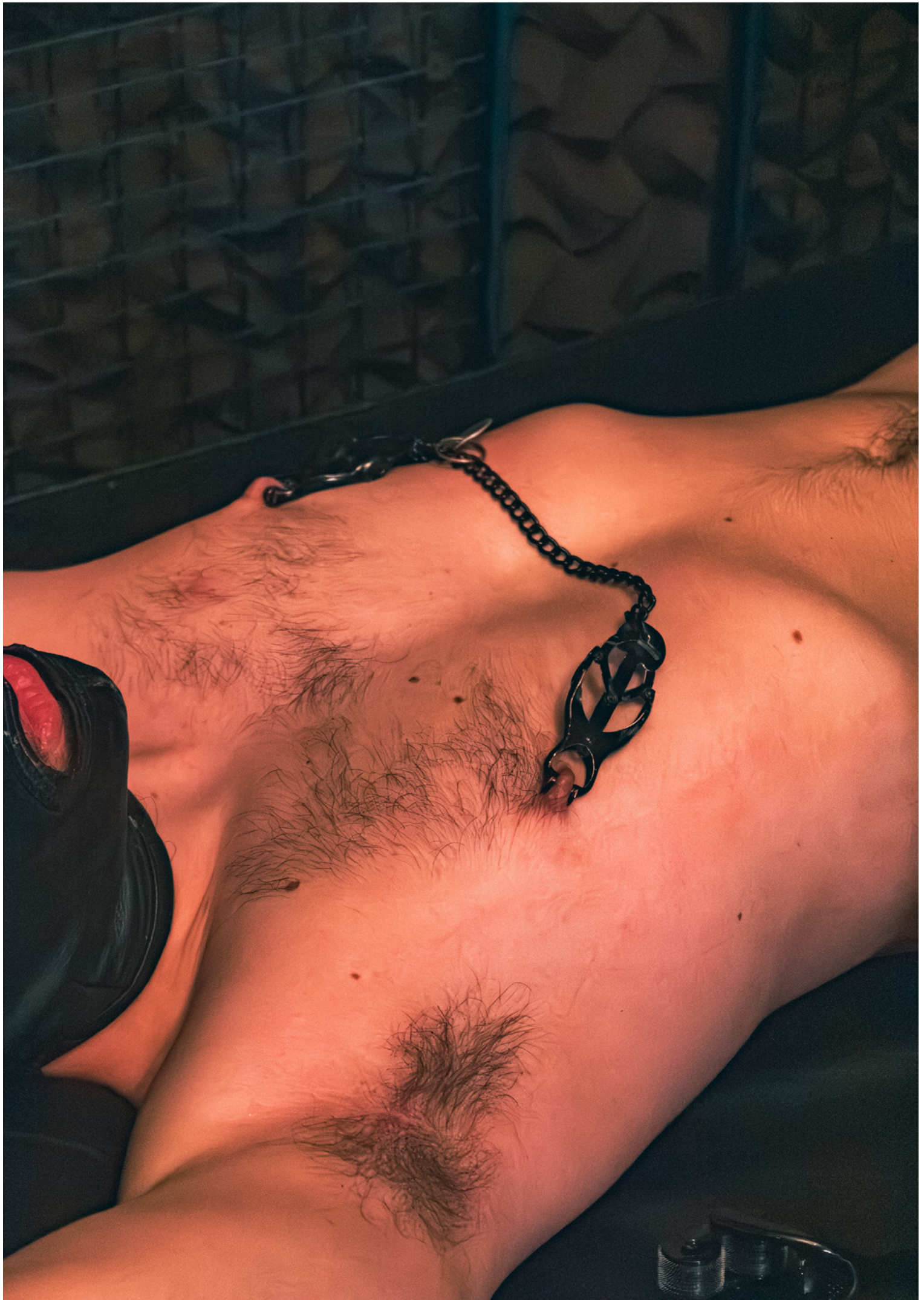














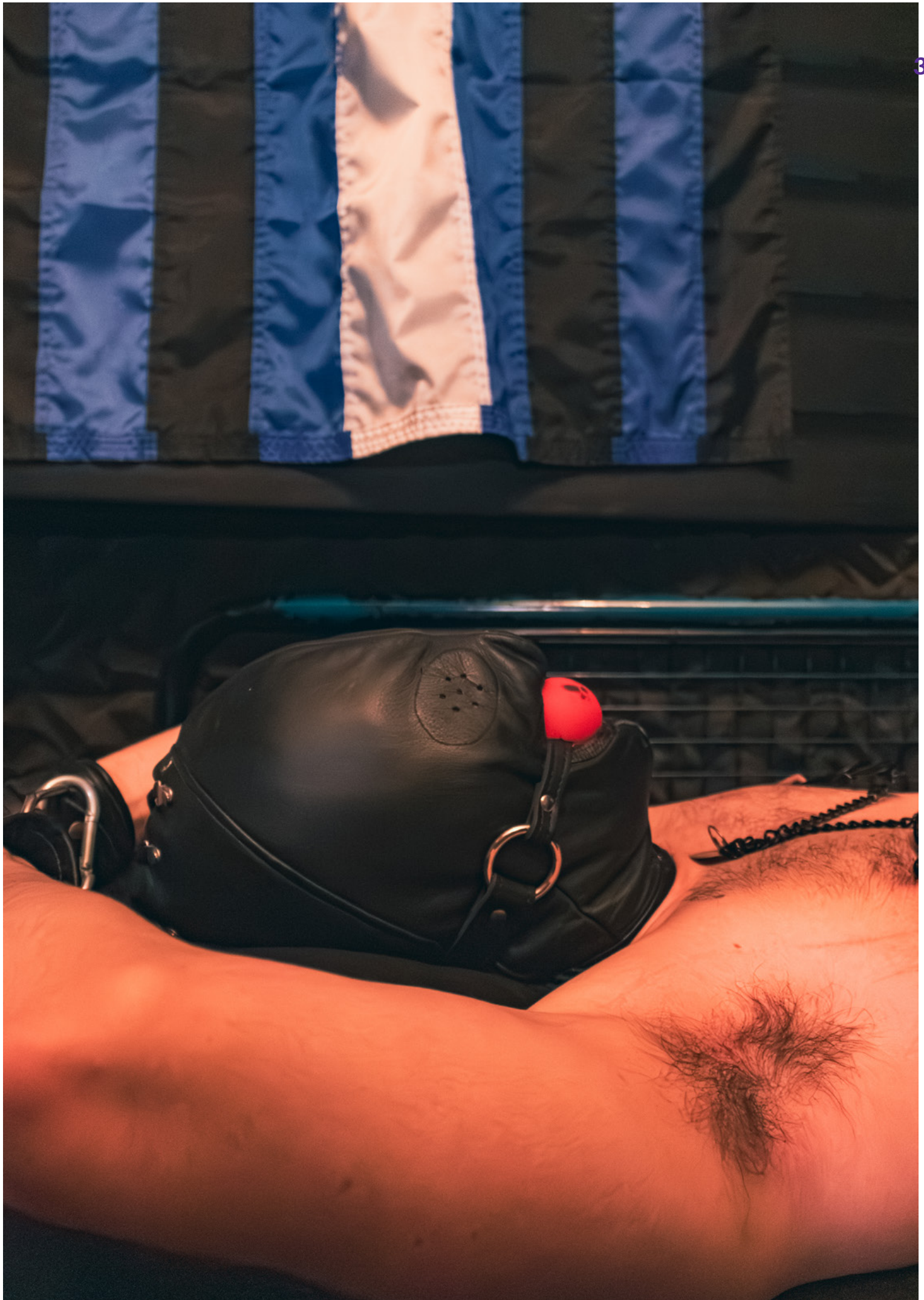






















































































[pós]**CORPOS:** Dom Barbudo & Sub540

Fotos [photos]: Chris, The Red

São Paulo/SP, Brasil, 2026



@dombarbudo3



dombarbudo.com



onlyfans.com/dombarbudo

CORPAS FALANTES

Por la libertad de expresión artística mas alla de Azcona: o que devemos ser e fazer quando queremos dizer

Janice Martins Appel

[intramurs]

festival per l'art
a valència

Valencia a 29 de octubre de 2016

Yo Janice M. S. Appel

Mayor de edad, con DNI YC056223

declaro que soy conocedor de la obra del artista Abel Azcona y asumo que puede tener un contenido que puede herir la sensibilidad.

Asumo las consecuencias, y en plenas facultades de mi libertad accedo y asumo los riesgos que durante mi permanencia en la performance pudieran ocasionarse, y en caso de provocarse alguna acción que mi ética y moral no sean aceptables abandonaré la sala, sin tener derecho a denuncia alguna.

Cedo mis derechos para respetar los derechos de libertad de expresión artística del artista Abel Azcona y de su performance LA GUERRA.

[intra
murs]

Fdo.

[intramurs]

Asociación Cultural sin ánimo de lucro INTRAMURS, nº registro de asociaciones
CV-01-053188-V, CIF-G98666928, situada en C/Recaredo, 31-3. 46001 Valencia. Correo
electrónico info@intramurs.com Tfn 600407256 www.intramurs.com

Em 2016, em Valência, na Espanha, pude fazer parte da produção e do set de artistas do Festival de Arte Urbana, Intramus¹, Embolic², mesma edição onde tivemos participação do artista performático espanhol Abel Azcona no festival, a qual foi lembrada como um dos momentos mais impactantes e controversos da história do evento.

Conhecido internacionalmente como o “*enfant terrible*” da arte contemporânea espanhola, Azcona utilizou o festival como plataforma para testar os limites do corpo, da moral e da interação social por meio de sua polêmica obra intitulada “*La Guerra*”. Realizada no espaço *El Víbora*, localizado no centro histórico de Valência, a performance teve como objetivo principal rememorar e debater o ambiente da prostituição homossexual, o consumo de drogas e os abusos de poder que marcaram a cidade durante a década de 1980.

¹ <https://www.intramurs.org>.

² <https://www.intramurs.org/2016-2>.

O conceito da ação artística funcionou como um desdobramento extremo de um de seus trabalhos anteriores mais conhecidos, *“Empathy and Prostitution”*³. Na dinâmica, Azcona expôs o próprio corpo completamente nu e vulnerável ao público, onde os espectadores foram convidados a interagir fisicamente com o artista sem qualquer tipo de restrição ou limite preestabelecido. No processo, dias antes da abertura, o artista realizou uma convocatória pública em suas redes sociais em busca de voluntários dispostos a participar de forma ativa e performática da ação, envolvendo nudez e dinâmicas sexuais explícitas. Como Impacto Cultural e Crítica, a obra superou completamente a capacidade de público do local e gerou debates intensos que reverberaram muito além do festival. Como é característico no trabalho de Abel Azcona, a performance transformou o corpo do artista em um território político e autobiográfico, forçando a audiência a se posicionar diante da mercantilização do sexo e da violência social.

Para o festival Intramurs— cuja proposta é justamente intervir no espaço urbano e promover a experimentação artística —, a presença de Azcona consolidou o evento como um dos principais palcos de vanguarda e provocação cultural da Espanha. A performance investigou de forma crua a mercantilização do corpo, o consentimento e as memórias da marginalidade. Ainda sobre o Conceito, a Memória Histórica da Marginalidade foi concebida como uma intervenção de resgate histórico e denúncia social, já que o local escolhido, El Víbora, não foi casual,

³ <https://abelazcona.art/2018-2013#/empatiaprostitucion>.



pois o espaço evocava o ambiente da prostituição homossexual, do consumo de heroína e dos abusos de poder que marcaram o centro de Valência na década de 1980.

No ambiente, para quem estava lá, víamos O Corpo Desumanizado, já que, conforme o artista, Azcona buscou transformar o próprio corpo em uma metáfora da “guerra” diária vivida por sujeitos marginalizados, desprovidos de direitos e proteção estatal. Na convocatória, havia a chamada para uma dinâmica radical e, dias antes do evento, Abel Azcona publicou um anúncio explícito em suas redes sociais para recrutar participantes. No perfil, buscavam-se nove homens, entre 18 e 26 anos, dispostos a ficar nus e participar de dinâmicas que envolviam simulação ou consumo real de substâncias e práticas sexuais.

A entrega do artista foi total, pois na abertura da performance, Azcona se colocou em um estado de semi-inconsciência induzida, deitado nu no chão do



intramurs
Víbora Club

...



♡ 72 💬 ↺ ⚠



Curtido por **abelazcona** e outras
pessoas

intramurs Parece que hay ganas de ver a Abel Azcona... [#intramurs16](#) [#troublemakers](#) [#alembolic](#)

30 de outubro de 2016

espaço. O público tinha regras, e os voluntários selecionados receberam autorização total para usar, tocar e interagir com o corpo do artista sem qualquer restrição de limite, promovendo uma conexão com “Empatía y Prostitución”, já que “La Guerra” foi um desdobramento de sua famosa peça anterior, “Empatía y Prostitución”, realizada em locais como a Albânia e Dinamarca. Na obra original, o público podia “comprar” três minutos a sós com o corpo nu de Azcona por apenas um euro.

Em “La Guerra”, o artista radicalizou a proposta ao remover a barreira do tempo (os três minutos) e a barreira financeira (o euro), deixando o corpo inteiramente exposto à mercê do desejo, da agressividade ou da apatia da multidão que lotou o local. A recepção da obra dividiu profundamente a crítica de arte espanhola. Veículos especializados debateram se a ação configurava uma denúncia real sobre a exploração ou se caía em uma “paródia do sexo” e no espetáculo do choque. Para os defensores do ativismo contemporâneo, o verdadeiro valor de “La Guerra” não estava no choque visual, mas em expor o horror e a perda de empatia da sociedade, transferindo a responsabilidade ética diretamente para o espectador. Pude viver intensamente este momento, pois fui convidada pelo artista como uma das pessoas que poderiam interagir desde a perspectiva artística, contudo não atravessei nenhuma barreira, para além do meu olhar. Ao final da performance, todos éramos vítimas da Guerra.^[1]

Por la libertad de expresión artística mas alla de Azcona: what we should be and do when we want to express ourselves

In 2016, I had the opportunity to be part of the production team at the Intramus Urban Art Festival¹, Embolic², in Valencia, Spain. The festival featured Spanish performance artist Abel Azcona, whose appearance is remembered as one of the most impactful and controversial moments in the event's history.

Known internationally as the “enfant terrible” of Spanish contemporary art, Azcona used the festival as a platform to explore the boundaries of the body, morality, and social interaction with his controversial piece, “La Guerra.” The performance took place at the El Víbora space in the historic center of Valencia and aimed to recall and discuss the environment of gay prostitution, drug use, and abuses of power that characterized the city in the 1980s.

The concept of the performance was an extreme extension of one of his earlier, best-known works, “Empathy and Prostitution.”³ During the performance, Azcona exposed his own body—completely naked and vulnerable—to

¹ <https://www.intramurs.org>
² <https://www.intramurs.org/2016-2>
³ <https://abelazcona.art/2018-2013#/empatiaprostitucion/>

the public and invited spectators to interact with him physically without restrictions or pre-established limits. Prior to the opening, Azcona issued a public call on social media for volunteers willing to participate in the piece, which involved nudity and explicit sexual acts. In terms of cultural impact and critical reception, the work far exceeded the venue's capacity, sparking intense debates that reverberated far beyond the festival. As is characteristic of Abel Azcona's work, the performance transformed the artist's body into a political and autobiographical territory, forcing the audience to take a stand on the commodification of sex and social violence.

At the Intramurs festival, whose mission is to intervene in urban spaces and promote artistic experimentation, Azcona's presence solidified the event's status as one of Spain's premier platforms for avant-garde art and cultural provocation. The performance offered a raw exploration of the commodification of the body, consent, and memories of marginality. *The Historical Memory of Marginalization* was conceived as an intervention aimed at historical recovery and social denunciation. The chosen location, El Víbora, evoked the atmosphere of gay prostitution, heroin use, and abuses of power that marked downtown Valencia in the 1980s.

Those who were there witnessed *The Dehumanized Body*, as the artist sought to transform his own body into a metaphor for the daily "war" experienced by marginalized individuals deprived of rights and state protection. The call for participants included a call for radical action. Days before the event, Azcona posted an explicit announcement on social media to recruit participants. The post sought nine men between 18 and 26 years old who were willing to be naked and participate in activities involving the simulation or actual use of substances and sexual practices.

The artist was fully committed. At the beginning of the performance, Azcona placed himself in a state of induced semi-unconsciousness by lying naked on the floor. The audience was subject to certain rules, and the selected volunteers were

given full permission to use, touch, and interact with the artist's body without restrictions, fostering a connection with "Empatía y Prostitución," as "La Guerra" was an offshoot of his famous previous piece of the same name, which had been staged in places such as Albania and Denmark. In the original piece, audience members could "buy" three minutes alone with Azcona's naked body for just one euro.

In "La Guerra," the artist took the concept further by removing the time constraint and financial barrier, leaving his body entirely at the mercy of the crowd's desire, aggression, or apathy. The reception of the work was deeply divided among Spanish art critics. Specialized publications debated whether the performance offered a genuine critique of exploitation or merely amounted to a "parody of sex" and a spectacle of shock. Advocates of contemporary activism argue that the true value of "La Guerra" lies not in visual shock but in exposing society's horror and loss of empathy and shifting ethical responsibility directly onto the viewer. I experienced this intensely because the artist invited me to interact with the piece from an artistic perspective. However, I did not cross any barriers beyond my own gaze. By the end of the performance, we were all victims of the war.¹

Janice Martins Appel. Artista visual, pesquisadora e docente brasileira no Curso de Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Coordenadora do grupo de pesquisa Observatório de Arte Pública Entorno e Novos Gêneros (CNPq/FURG), Membro do Comitê de Poéticas Visuais da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, onde é Presidente do Biênio 2025-2026. Doutora em Artes Visuais (Poéticas Visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pós-Doutorado no Centro de Investigación Arte y Entorno na Universidade Politécnica de Valência (UPV), na Espanha, Mestre em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Graduada em Artes Plásticas, pela UFRGS.

[She is a Brazilian visual artist, researcher, and professor in the Visual Arts program at the Federal University of Rio Grande (FURG). She is the coordinator of the research group “Observatory of Public Art, Environment, and New Genres” (CNPq/FURG) and a member of the Visual Poetics Committee of the National Association of Researchers in the Visual Arts. She will serve as president of the committee from 2025 to 2026. She has a Ph.D. in Visual Arts (Visual Poetics) from the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), was a postdoctoral fellow at the Center for Research on Art and Environment at the Polytechnic University of Valencia (UPV) in Spain, and has an M.A. in Visual Arts from the State University of Santa Catarina (UDESC) and a B.A. in Fine Arts from UFRGS.]



@janice_martins_appel/

ENSAIOS PORNOSEXUALIGRÁFICOS



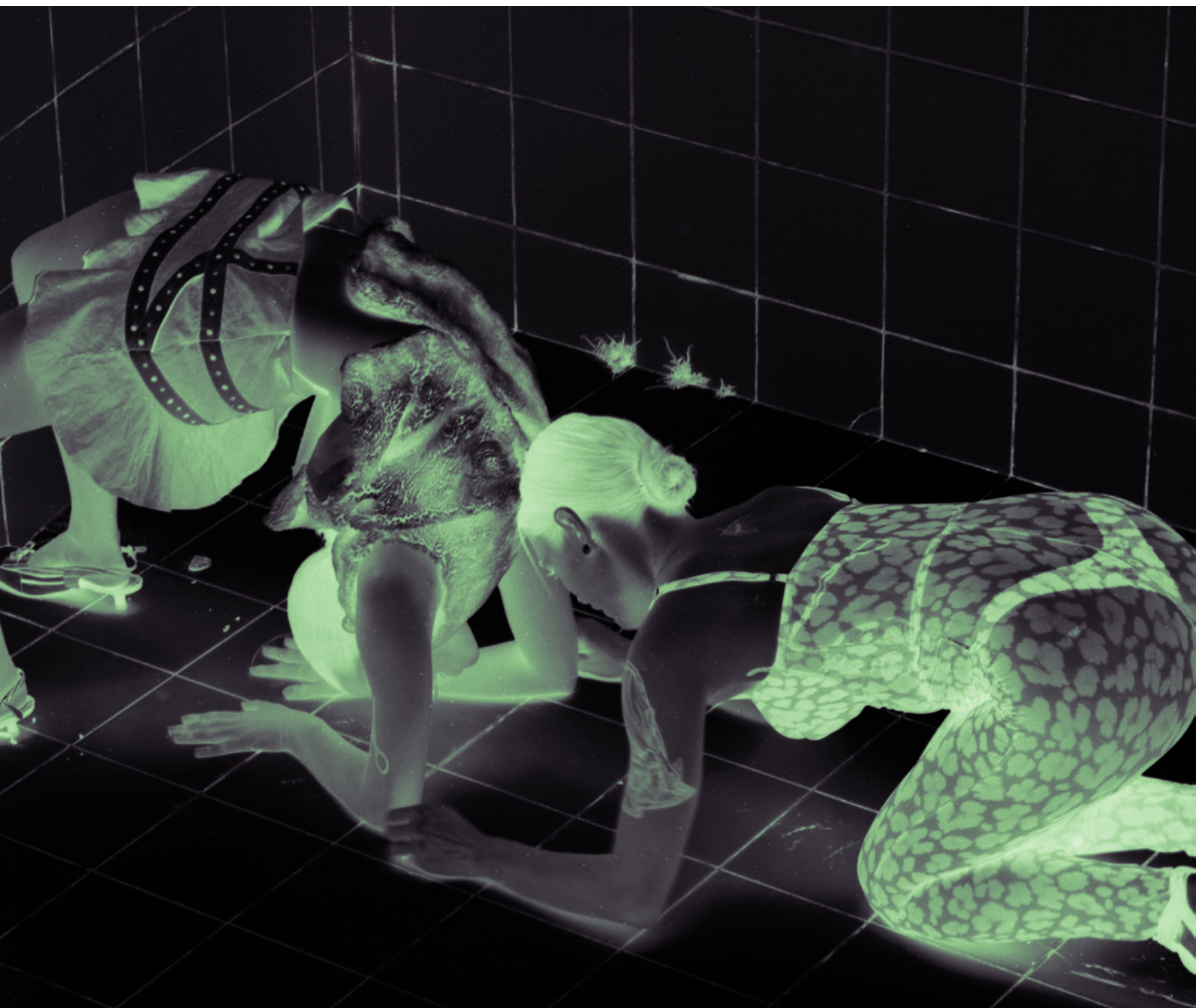
Cassy e Dora

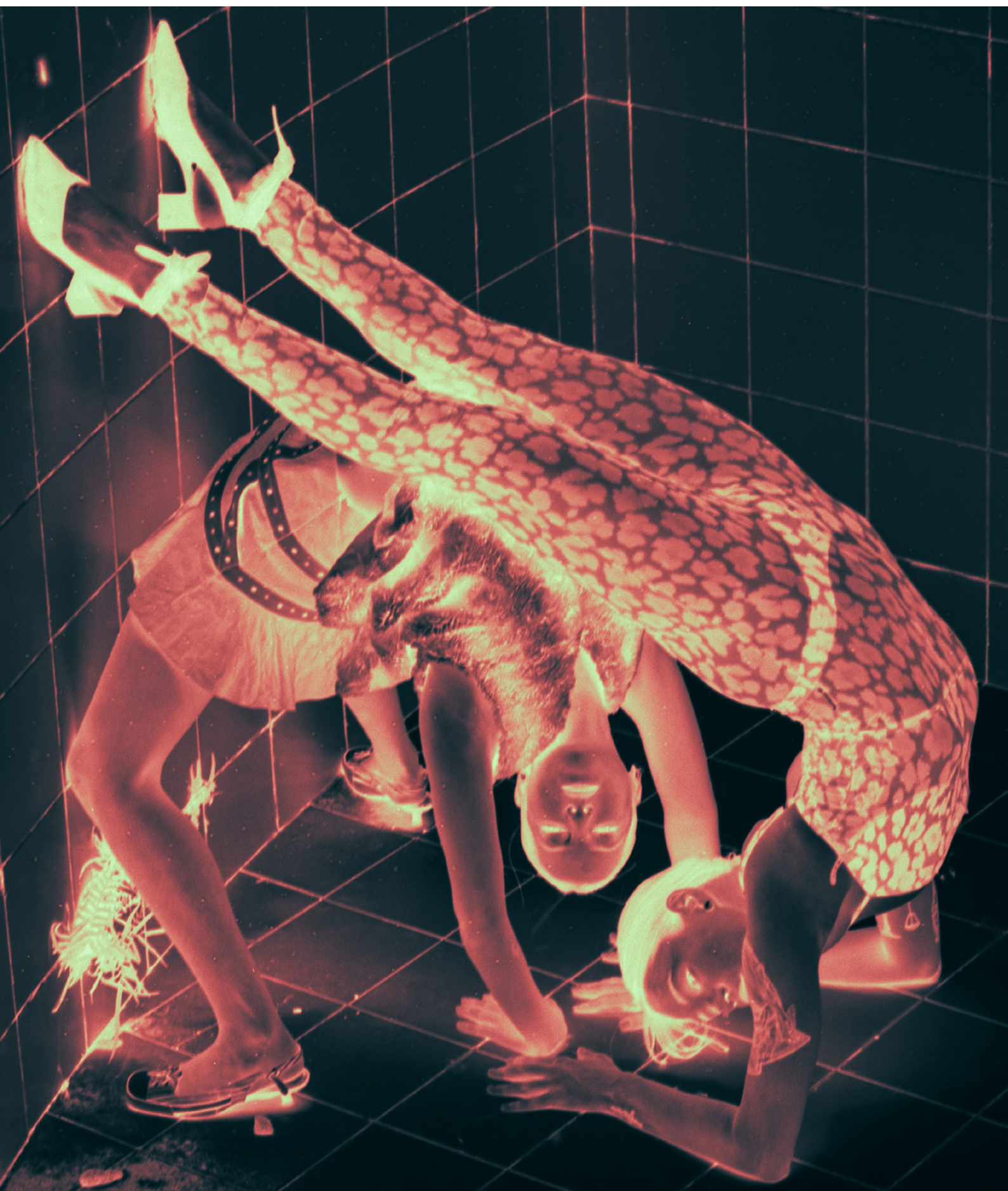
por [by] Aysha Diablo, Beatriz
Nascimento & Diana Altino

Através da contorção e da fotoperformance, explorando um universo nomeado pelas autoras de “sexy-freak”, as personagens Cassy e Dora brincam com arquétipos femininos, explorando figuras que transitam entre a ideia de musa e de monstruosidade, através de um corpo que se contorce - ora por submissão, ora por subversão.

[Through contortion and photo performance, the characters Cassy and Dora explore a world dubbed ‘sexy freak’. They play with female archetypes and explore figures that straddle the line between muse and monstrosity. Their bodies contort — sometimes in submission and sometimes in subversion.]











Aýsha Diablo. Original da Bomba do Hemetério (Recife-PE), é artista visual, fotógrafa e diretora. Travesti negra, com habilidades multitransdisciplinares, emerge como uma voz poderosa na cena artística contemporânea com criações que transcendem barreiras convencionais, exibindo uma paleta rica de expressões que mesclam sensibilidade visual, narrativa fotográfica e direção perspicaz.

[Originally from Bomba do Hemetério (Recife, Pernambuco), she is a visual artist, photographer and director. A Black trans woman with multidisciplinary skills, she has emerged as a powerful voice on the contemporary art scene with works that transcend conventional boundaries, showcasing a rich palette of expressions that blend visual sensibility, photographic narrative and insightful direction.]

Beatriz Nascimento. Artista circense, passista de frevo e estudante da Escola Nacional de Circo de Châtellerauld (França). Formada em letras pela UFPE, integra a Trupe Carcará e a Companhia Brasil por Dança. Passeia entre o circo, a dança e o teatro, com especial interesse pela flexibilidade, pelas culturas populares e por performances e tecnologias de gênero.

[She is a circus artist, frevo dancer, and student at the National Circus School of Châtellerauld in France. She has a humanities degree from UFPE and is a member of the Carcará Troupe and the Companhia Brasil por Dança. She works in circus arts, dance, and theater, with a special interest in flexibility, popular culture, and gender-related performances and technologies.]

Diana Altino. Nascida na cidade de Recife (PE), onde reside e trabalha como artista da dança, produtora cultural e arquiteta. É bacharel e mestre em Arquitetura pela Universidade de Coimbra (2023). Atualmente tem incorporado técnicas da contorção em sua pesquisa corporal e se interessado em investigar cruzamentos entre dança, performance, gênero e sexualidade.

[She was born in Recife, PE, where she currently lives and works as a dancer, cultural producer, and architect. She earned her Bachelor's and Master's degrees in Architecture from the University of Coimbra in 2023. Currently, she is incorporating contortion techniques into her body-based research and exploring the intersections between dance, performance, gender, and sexuality.]

Tem um ensaio pornossexualigráfico (pornográfico, erótico, pós-pornográfico, explícito, metafórico e afins)? Envie seu ensaio entre 05 a 10 imagens e se ele for aprovado, será publicado em uma das edições da [pós]CORPOS.

[Do you have an essay that is pornosexualigrafic (pornographic, erotic, post-pornographic, explicit or metaphorical)? Submit your essay, which should include five to ten images, and if it is approved, it will be published in an issue of [pós]CORPOS.]

Acesse e preencha o formulário:

[Go to the website and fill out the form:]

<https://forms.gle/Fsbu8BpnWDDGu3iYA>

GOZOS CONTÍNUOS



[meu caderno laranja] Colisão

por [by] Rainnery Queer Core

Eu não lembro exatamente quando começou.

Talvez tenha sido na primeira vez em que a noite pareceu oferecer uma espécie de trégua. Não felicidade, não exatamente prazer — mas suspensão. Como se, por algumas horas, fosse possível desligar o que doía sem precisar resolver nada.

O quarto era sempre provisório. Alugado, emprestado, atravessado por gente.

A luz azul de alguma tela cortava o escuro e dava aos corpos um contorno quase artificial — como se ninguém ali fosse totalmente real.

Corpos próximos.

Respirações misturadas.

Nomes que eu não ia guardar.

O toque era fácil. Direto. Sem história.

Havia uma velocidade que não vinha só do desejo. A cocaína deixava tudo mais agudo, mais urgente, como se cada segundo precisasse ser vivido antes de desaparecer. O GHB amolecia as fronteiras, fazia qualquer gesto parecer íntimo, qualquer mão parecer conhecida. A ketamina, às vezes, puxava o chão para longe — e eu tinha a sensação breve de sair de mim, de assistir tudo de um lugar onde nada encostava de verdade.

Era ali que eu ficava.

Num espaço onde eu não precisava ser inteiro.

Nem coerente.

Nem explicável.

Só sensação.

Só agora.

Alguém me segurava pela cintura como se já soubesse meu nome, minha história, meus medos.

E eu deixava.

Porque, naquele estado, proximidade física parecia igual a pertencimento.

Mas não era.

Nunca era.

Os encontros tinham um tipo de prazo invisível.

Começavam intensos, quase cósmicos, como se algo muito raro estivesse acontecendo — como se, enfim, alguém estivesse me encontrando de verdade.

E então terminavam.

Sem ruptura clara.

Sem despedida.

Só o silêncio que chega quando a música para, quando a luz muda, quando alguém pega o celular e o mundo de fora volta a existir. Gente indo embora antes do sol, como se ficar até o dia fosse já dizer demais.

Eu dizia para mim mesmo que aquilo era liberdade.

Que era escolha.

Que era só prazer.

E, em algum nível, era mesmo.

Mas existia sempre um segundo momento.

Depois que o efeito baixava.

Depois que o corpo desacelerava.

Depois que o quarto ficava grande demais para uma pessoa só.

Ali, não tinha química que segurasse.

Vinha a pergunta.

Silenciosa, insistente, quase constrangedora:

isso era encontro...

ou só colisão?

Demorou para eu entender que, muitas vezes, eu não estava buscando pessoas.

Eu estava buscando alívio.

Anestesia com formato de gente.



Não era só tesão.

Era uma tentativa de escapar da rejeição antes mesmo que ela pudesse acontecer.

De não encostar naquele ponto onde eu precisaria explicar quem eu era — sem atalhos, sem substâncias, sem atalhos químicos entre mim e o outro.

Porque ali, sem nada, eu não sabia se alguém ficaria.

E ainda assim, seria injusto dizer que não havia nada de verdadeiro.

Havia momentos.

Pequenos, frágeis, quase acidentais — mas reais.

Um olhar que demorava um segundo a mais.

Uma mão que não soltava imediatamente.

Um cuidado mínimo que escapava da lógica da noite.

Havia uma vulnerabilidade compartilhada, mesmo que ninguém a nomeasse.

Pessoas tentando, cada uma à sua maneira, sobreviver à própria cabeça.

E, por mais passageiro que fosse, aquilo ainda era humano.

Eu comecei a perceber que o problema não era só o que acontecia ali dentro, mas o que eu levava comigo para dentro daquilo.

A expectativa de desaparecer.

A vontade de não sentir.

A pressa de substituir presença por intensidade.

Hoje, eu tento chegar diferente.

Nem sempre consigo.

Nem sempre é bonito.

Mas, às vezes, antes de entrar numa noite dessas, eu paro e me pergunto:

eu quero só sensação?



ou quero ser visto?

E essa pergunta muda coisas.

Não o cenário.

Não as pessoas.

Mas a forma como eu atravesso aquilo.

Às vezes, eu ainda me perco.

Mas, às vezes — só às vezes — eu me encontro no meio do caos.

E quando isso acontece, é sutil.

Não tem explosão, não tem êxtase.

Só uma mudança pequena, quase imperceptível:

o toque deixa de ser fuga

e vira presença. { }

Chemsex: prazer também é cuidado



[my orange notebook]

Collision

I can't remember exactly when it began.

Maybe it was the first time the night seemed to offer some sort of respite. Not happiness or pleasure, but a lull. It was as if, for a few hours, it were possible to stop the pain without having to address anything.

The room was always temporary. Rented or borrowed, with a constant stream of people passing through.

Blue light from a screen cut through the darkness, giving the bodies an almost artificial outline — as if no one were entirely real.

Bodies close together.

Breaths mingling.

Faces I wouldn't remember.

The touch was easy. Direct. Without a backstory.

There was a speed that didn't stem solely from desire.

Cocaine made everything sharper and more urgent, as if every second had to be lived before it disappeared.

GHB blurred the boundaries and made every gesture seem intimate and every hand seem familiar. At times, ketamine pulled the floor out from under me, and I had the fleeting sensation of stepping outside myself and watching everything from a place where nothing truly touched me.

That was where I stayed.

In a space where I didn't need to be whole.

Or coherent.

Or explainable.

Just sensation.

Just the present moment.

Someone held me by the waist as if they knew my name, my story, and my fears.

And I let them.

In that state, physical closeness felt like belonging.

But it wasn't.

It never was.

These encounters had an invisible expiration date. They began intensely, almost cosmically, as if something rare were happening—as if someone were finally connecting with me.

And then they ended.

No clear break.

No goodbye.

Just the silence that settles in when the music stops, the light changes, or someone picks up their phone and the outside world re-emerges. People left before sunrise, as if staying until daybreak said too much.

I'd tell myself that this was freedom.

That it was a choice.

That it was just pleasure.

And, on some level, it really was.

But there was always a second moment.

After the high wore off.

After the body slowed down.

After the room felt too big for just one person.

At that point, no amount of chemistry could hold it together.

The question would arise:

Silent, insistent, and almost embarrassing:

Was this a connection...

or just a collision?

It took me a while to realize that more often than not, I wasn't looking for people.

I was looking for relief.

Anesthesia in human form.

It wasn't just lust.

It was an attempt to escape rejection before it could happen.

I wanted to avoid reaching the point where I'd have to explain who I was.

There would be no shortcuts, no substances, and no chemical alterations between me and the other person.

Because with nothing, I didn't know if anyone would stay.

However, it would be unfair to say there was nothing real about it.

There were moments.

Small, fragile, almost accidental—but real.

A glance that lingered a second longer.

A hand that didn't let go right away.

A tiny gesture of care that defied the logic of the night.

There was a shared vulnerability, even if no one named it.

People were trying to survive their own minds, each in their own way. However fleeting it might be, that was still human.

I began to realize that the problem wasn't just what happened in there but also what I brought into it.

The expectation of disappearing.

The desire not to feel.

The rush to replace presence with intensity.

Today, I try to approach it differently.

I don't always succeed.

It isn't always pretty.

But sometimes, before stepping into a night like that, I stop and ask myself,

"Do I just want sensation?

Or do I want to be seen?

That question changes things.

Not the setting.

Not the people.

It changes the way I navigate it.

Sometimes, I still lose myself.

But sometimes—just sometimes—I find myself in the midst of the chaos.

When that happens, it's subtle.

There's no explosion or ecstasy.

It's just a small, almost imperceptible shift:

the touch ceases to be fleeting

and becomes presence.¹

Chemsex:

pleasure also means taking care

Sobre redução de danos no chemsex

por [by] Rainnery Queer Core

Cuidado

Nem toda noite precisa terminar em queda.

Nem todo encontro precisa custar o corpo inteiro.

Existe um jeito de atravessar isso com menos ferida.

Não é sobre parar —

é sobre perceber.

Perceber o próprio limite antes que ele desapareça.

Perceber quando o desejo vira urgência demais.

Perceber quando o corpo já está pedindo pausa, mesmo que a cabeça queira mais.

Substâncias mudam a forma como a gente sente, decide e confia.

O que parece seguro no auge pode não ser depois.



O que parece conexão pode ser só efeito atravessando dois corpos ao mesmo tempo.

Por isso, cuidado também é combinação.

Saber o que você está usando.

Evitar misturar sem saber o que pode acontecer no seu corpo.

Respeitar intervalos.

Cuidar da hidratação, do descanso, da alimentação — mesmo quando tudo isso parece distante da noite.

E, principalmente: não estar só.

Ter alguém que saiba que você está ali.

Alguém que possa olhar e perceber quando algo saiu do ponto.

Alguém que possa te chamar de volta, se for preciso.

Consentimento também muda quando há química envolvida.

Nem todo “sim” é um sim inteiro.

Nem todo silêncio é concordância.

Cuidado é perguntar de novo.

É desacelerar.

É aceitar que parar também faz parte.

E tem o depois.

O depois existe — mesmo quando a gente tenta evitar.

O corpo sente.

A cabeça reorganiza.

Às vezes vem vazio, às vezes vem tristeza, às vezes vem

nada.

Se possível, prepara esse momento também.

115

Um lugar minimamente seguro.

Água.

Alguma forma de acolhimento — mesmo que seja você por você.

E, se der, alguém.

Redução de danos não é regra.

É vínculo com a própria vida no meio do risco.

É não se abandonar completamente, mesmo quando tudo em volta convida a isso.

Porque, no fim, a pergunta continua a mesma —

mas agora com outra camada:

como eu atravesso isso

sem me perder de mim?[[]]

**Prazer com cuidado
é autocuidado.**





Harm reduction in chemsex

Be careful.

Not every night has to end with you falling.

Not every encounter has to wear your whole body down.

There's a way to get through this with fewer scars.

It's not about stopping;

it's about realizing your limits.

It's about recognizing your limits before they disappear.

Realizing when desire turns into too much urgency.

It's about recognizing when your body is asking for a break, even if your mind wants more.

Substances alter the way we feel, make decisions, and trust others.

What seems safe during an experience may not seem so afterward.

What seems like a connection may just be a passing sensation in two bodies.

That's why being careful is also about balance.

Know what you're taking.

It's about avoiding mixing substances without knowing what might happen to your body.

Respecting breaks is important too.

Look after your hydration, rest, and nutrition, even when they seem far from the night's events.

Above all, don't be alone.

Have someone who knows you're there.

Have someone who can tell when things have gone too

far.

Have someone who can bring you back to your senses if necessary.

Consent also changes when chemistry is involved.

Not every “yes” is an unequivocal “yes.”

Not every silence means agreement.

Being careful means asking again.

It means slowing down.

It means accepting that stopping is part of it, too.

Then there’s the aftermath.

The aftermath exists, even when we try to avoid it.

The body feels it.

The mind reorganizes itself.

Sometimes there’s emptiness; sometimes, sadness; sometimes, nothing at all.

If possible, prepare for that moment, too.

Have a place ready that’s at least somewhat safe.

Water.

Have some form of comfort available, even if it’s just you looking after yourself.

If possible, have someone else there too.

Harm reduction isn’t a rule.

It’s a connection to your own life in the midst of risk.

It means not abandoning yourself completely, even when everything around you urges you to do so.

Ultimately, the question remains the same, but with an added layer:

How do I navigate all this without losing myself?.

Pleasure with care is self-care.



Rainnery Queer Core. Muito além das lógicas binárias, artista, ativista, redutora de danos. Traz sempre em seu trabalho os estigma das sexualidades, corpos e uso de substâncias. Prazer também é cuidado.

[Far beyond binary categories—artist, activist, harm reduction advocate. Her work consistently addresses the stigmas surrounding sexuality, bodies, and substance use. Pleasure is also care.]



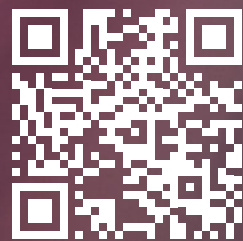
@rainneryqueercore



@chemsexprazertambemecuidado



PUTARIAS
de
Dr. Red



123

<https://onnowplay.com/doctorred>





erótico
erotic

cena do filme Ninfomaniaca - Volume 1
scene from the movie Nymphomaniac : Volume I



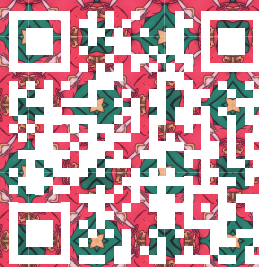
pornográfico
pornographic



you see any
difference?

PORNOS SEXUALI GRAFIA

[pornossexualigrafias.art.br](http:// pornossexualigrafias.art.br)



série

PUTTOS

exposição em progresso
de chris, the red

curadoria: dr. red

galeria putarias de dr. red
onnowplay.com/doctorred

realização

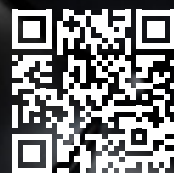
putarias
de
dr. Red

apoio



STUDIO

ARS
SEXU
ALIS





THE
RHINOS
CLUB



EXCLUSIVIDADE TEM SEU LUGAR.

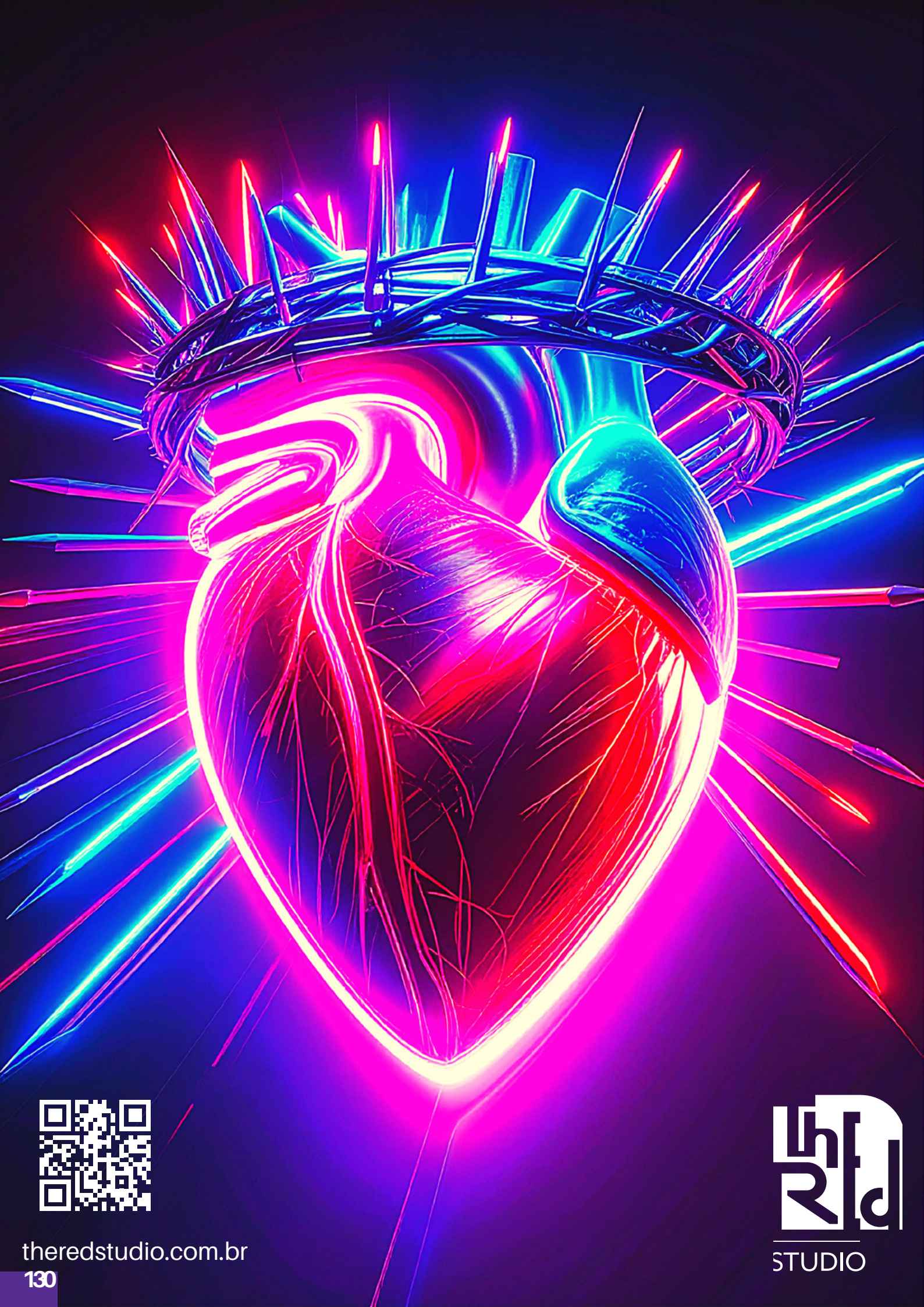
CRUISING BAR E CLUBE PARA HOMENS QUE SE RELACIONAM COM HOMENS (HSH)

fenomenologia da
 pornossexualigrafia

PRELÚDIO PRELUDE
phenomenology of
pornosexualigraphy



PORNOS
SEXUALI
GRAFIA



theredstudio.com.br

130

**th
red**
STUDIO

agradecimientos **[acknowledgments]**

Aysha

Beatriz

Diana

Dom Barbudo

F.

Hermann

Janice

Mauro

Mr. Corn

Peter

Rainnery

Sub 540

Tulio Drakon

